



ANTICOLONIALISMO E ANTIEUROCENTRISMO EM MARX

Mamadú Uri Jaló¹
Antônio Vieira Da Silva Filho²

RESUMO

Agradeço à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) pelo financiamento da pesquisa intitulada: Anticolonialismo e antieurocentrismo em Marx, executada entre 01/10/2024 e 30/09/2025, por meio de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). O presente projeto tem como objetivo entender a mudança de posição de Marx em relação à colonização britânica a partir da segunda metade da década de 1850: a descoberta teórica da acumulação originária de capital. Nosso trabalho realizou inicialmente a análise de pesquisa bibliográfica de artigos escritos por Marx sobre a Índia e a China na década 1850 e, em seguida, a análise de artigos de autores decoloniais, principalmente Aníbal Quijano e Edgardo Lander, autores que centram seus estudos na crítica ao eurocentrismo e ao colonialismo. Nos artigos sobre a China e a Índia da primeira metade de 1850, Marx aponta alguns aspectos positivos da dominação britânica: a colonização britânica na China e na Índia traria alguns benefícios, pois implementaria o desenvolvimento capitalista através da expansão do comércio, principalmente na implantação de transportes ferroviários, meios de comunicação, desenvolvimento das forças produtivas etc. A conclusão que Marx chega nessa primeira metade da década de 1850 é a de que, apesar dos métodos violentos e sanguinários coloniais da Inglaterra, a expansão capitalista nesses países tiraria a classe trabalhadora desses países do isolamento, possibilitando uma organização e união da classe trabalhadora para a luta internacional contra o capitalismo. Os artigos que apontam esses aspectos positivos da dominação britânica na Índia e na China são os principais textos de Marx que os críticos citam para classificá-lo como eurocêntrico e colonial. Na segunda metade de década 1850, Marx mudou a sua concepção positiva do colonialismo britânico nos países asiáticos, justamente porque: 1) aprofundou seus estudos teóricos sobre a dinâmica estrutural do capitalismo; 2) sobre a conjuntura social e política desses países; 3) porque passados alguns anos após a publicação dos primeiros artigos, ele constatou que a colonização britânica não havia beneficiado de forma alguma o povo chinês e indiano, mas, ao contrário, havia aprofundado os seus métodos violentos de expropriação de riqueza. Nesses artigos sobre China e Índia da primeira metade de 1850, Marx tinha uma concepção equivocada sobre a expansão comercial capitalista como promotora de progresso social e econômico, configurando, assim, uma concepção positiva da colonização europeia nos países asiáticos. A principal mudança de posição se deu pela descoberta de Marx, ainda na segunda metade da década de 1850, da acumulação originária de capital como força motora da gênese e do desenvolvimento do capitalismo, cujas principais características são: a expropriação dos meios e das condições de produção (a terra, ferramentas de trabalho, meios de subsistência etc.), a violência, o saque e o roubo das nações colonizadas. Essa descoberta teórica, iniciada na segunda metade de 1850 e sistematizada uma década depois no livro O Capital, permite a Marx concluir que a colonização é baseada fundamentalmente na expropriação, abandonando de vez quaisquer resquícios de possíveis benefícios aos países colonizados.

Palavras-chave: anticolonialismo; antieurocentrismo; Marx.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Discente,
mamadujalo96@aluno.unilab.edu.br¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Docente,
antoniovieira@unilab.edu.br²